



UFSM

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL

**GESTÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO: PRECEITOS
INCLUSIVOS EM PRÁTICA**

ALICE DO NASCIMENTO DOS SANTOS

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL

Santa Maria, RS, Brasil.

2016

GESTÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO: PRECEITOS INCLUSIVOS EM PRÁTICA

por

ALICE DO NASCIMENTO DOS SANTOS

Monografia de Especialização apresentada ao Curso Presencial de Especialização em Gestão Educacional, do Centro de Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão Educacional

Orientadora: Sílvia Maria de Oliveira Pavão

Santa Maria, RS
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a
Monografia de Especialização

**GESTÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO: PRECEITOS INCLUSIVOS
EM PRÁTICA**

elaborada por

ALICE DO NASCIMENTO DOS SANTOS

como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Gestão Educacional

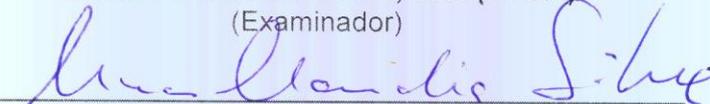
COMISSÃO EXAMINADORA:



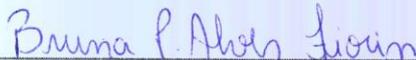
Sílvia Maria de Oliveira Pavão, Prof^a, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)



Cariné Martins Barcellos, Ms. (UFSM)
(Examinador)



Ana Claudia Pavão Siluk, Prof^a, Dr. (UFSM)
(Examinador)



Bruna Pereira Alves Fiorin, Ms (UFSM)
(Examinador Suplente)

Santa Maria, 12 de agosto de 2016.

AGRADECIMENTOS

Agradeço

A **Deus** pela oportunidade de seguir o meu caminho e me fortalecer nos momentos de lutas.

A minha **Mãe**, razão da minha vida.

Ao meu **Pai**, que sempre me apoiou.

Ao meu querido amigo **Rafael Ramos** especial que me apoiou em meus momentos de aflição.

Aos meus **familiares** e **amigos** que sempre estiveram do meu lado me apoiando em todos os momentos.

A Professora **Sílvia Maria de Oliveira Pavão** que além dos conhecimentos compartilhados, foi uma amiga em momentos de angústias e insegurança.

A todos os meus **Professores** que de uma maneira ou outra contribuíram para eu chegar até aqui.

A escola tem a tarefa de ensinar os alunos a compartilharem o saber, os sentidos diferentes das coisas, as emoções, a discutir, a trocar pontos de vista. É na escola que desenvolvemos o espírito crítico, a observação e o reconhecimento do outro em todas as suas dimensões (BATISTA, 2006, p.7).

RESUMO

GESTÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO: PRECEITOS INCLUSIVOS EM PRÁTICA

Monografia de Especialização
Curso de Especialização em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

AUTORA: Alice do Nascimento dos Santos

ORIENTADORA: Sílvia Maria de Oliveira Pavão

Data e local: Santa Maria, 12 de agosto de 2016.

Este trabalho se insere na Linha de pesquisa gestão do trabalho pedagógico do Curso de Especialização em Gestão Educacional, tem por finalidade a conclusão de especialização do curso de Gestão Educacional da Universidade Federal de Santa Maria, o presente trabalho trata das ações pedagógicas desenvolvidas para os alunos com necessidades educacionais especiais no âmbito escolar. Três questões relevantes são indicadores de discussão, quais sejam: 1) qual a representação de inclusão que permeia os espaços escolares investigados; 2) que saberes são mobilizados pelos professores para o planejamento da situação de ensino de alunos incluídos; 3) quais são as características das ações pedagógicas desenvolvidas com esses alunos. Tem como objetivo geral conhecer as ações pedagógicas desenvolvidas na escola e o processo de inclusão escolar. O método utilizado nessa pesquisa foi o estudo de caso clássico. O sujeito do estudo foi um aluno com síndrome de Down matriculado no 4^a ano de uma escola do Município de Santa Maria-RS. O trabalho apresenta o acompanhamento do caso no Atendimento Educacional Especializado-AEE associado ao uso de recursos tecnológicos. Os materiais diversificados disponibilizados na sala de AEE, despertou a curiosidade, criatividade, memória, atenção e aprendizagem do aluno. A inclusão educacional, pensada a partir de práticas pedagógicas inovadoras passa a ter uma diferente representação no espaço escolar, uma vez que os alunos incluídos conseguem desenvolver novos saberes, propondo como fortalecimento para inclusão, a necessidade de um trabalho compartilhado com todos os atores da escola, o que resulta em uma prática de gestão pedagógica, para que as ações inclusivas possam ser efetivas com os alunos com necessidades educacionais especiais.

Palavras-chave: Gestão do Trabalho Pedagógico, Inclusão, Tics.

ABSTRACT

EDUCATIONAL WORK MANAGEMENT: PRECEPTS INCLUSIVE IN PRACTICE

This work is included in the line of research management of the pedagogical work of Specialization in Educational Management, aims at the conclusion of specialization Educational Management course at the Federal University of Santa Maria, this work deals with developed educational activities for students with special educational needs in schools. Three issues are relevant discussion indicators, which are: 1) what is the representation of inclusion that permeates the investigated school spaces; 2) knowledge is mobilized by teachers for planning the included students teaching situation; 3) what are the characteristics of pedagogical actions developed with these students. It has the general objective to know the pedagogical actions developed in the school and the school inclusion process. The method used in this research was the classic case study. The subject of the study was a student with Down syndrome enrolled in the 4th year of a school in the city of Santa Maria-RS. The work presents the monitoring of the case in Educational Specialized Care-ESA associated with the use of technological resources. Diversified materials available in the EEA area, aroused the curiosity, creativity, memory, attention and student learning. The educational inclusion, thought from innovative teaching practices is replaced by a different representation at school, since students included can develop new knowledge, proposing as strengthening for inclusion, the need for a shared work with all school actors, resulting in a practice of educational management, so that the inclusive actions can be effective with students with special educational needs.

Keywords: Pedagogical Work Management, Inclusion, Tics.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 EDUCAÇÃO ESPECIAL, EDUCAÇÃO INCLUSIVA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES	11
1.1.1 EDUCAÇÃO ESPECIAL: ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO-AEE E O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO-TIC.....	12
1.1.2 EDUCAÇÃO INCLUSIVA: VICISSITUDES DO/NO FAZER PEDAGÓGICO.	17
1.1.3 FORMAÇÃO DE PROFESSORES: GESTÃO E O TRABALHO PEDAGÓGICO EDUCACIONAL.....	20
2 MÉTODO	23
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	24
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR.....	26
3.2 ROTEIROS DE TRABALHO: CONHECENDO O CASO EM ESTUDO.....	27
3.2.1 APLICAÇÃO DO ROTEIRO DO PLANO DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO.....	26
3.2.2 APLICAÇÃO DO ROTEIRO DE ENTREVISTA COM CUIDADORA.....	27
3.2.3 APLICAÇÃO DO ROTEIRO DE DADOS DO PERFIL DO ALUNO.....	29
3.2.4 APLICAÇÃO DO ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O PROFESSOR.....	29
3.3 DISCUTINDO O CASO: TRANSCENDENDO OS DADOS COLETADOS.....	32
CONCLUSÃO	34
REFERÊNCIAS	36
ANEXOS	39

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como finalidade o termino de conclusão de especialização de Gestão Educacional do curso de pós-graduação da Universidade Federal de Santa Maria, que se inicia com uma breve introdução do que será abordado. A atuação na área da educação na contemporaneidade vem trazendo cada vez mais desafios aos profissionais da área. A exigência de uma formação continuada é justificada com base nos processos de gestão do trabalho pedagógico. Se já é presente a necessidade de formar professores para atuação em áreas de conhecimento específico, quando se traz à tona os preceitos da inclusão social e escolar, tais exigências mostram-se potencialmente desafiadoras.

Os professores que se dispõem e se dedicam para uma formação continuada desejam aprender mais, fazer mais, fazer melhor para colaborar com os processos de ensinar aprender. Ao profissional de educação, cabe o desenvolvimento de uma consciência acerca da necessidade de atualização e aperfeiçoamento de práticas pedagógicas permanentemente.

Considerando a formação de professores no cenário educacional nacional, Cavalli (1992, p. 243) destaca que “os professores estão, [...] conscientes da inadequação da formação profissional recebida; eles se sentem jogados na água sem que ninguém esteja preocupado em ensiná-los a nadar”. Ainda, apontam que o despreparo é ainda mais evidente quando se trata da resolução de problemas de aprendizagem e de metodologias didáticas.

Nesse sentido, e quando se evidencia a inclusão, se evidenciam desafios para ensinar em uma perspectiva de inclusão escolar, surge um olhar diferenciado dos professores, pois certamente será preciso que eles desenvolvam novas ações docentes, dedicação, didática-pedagógica, em função dos alunos em situação de inclusão. Ao compreender que existem diferentes formas de aprender, colabora para que o trabalho pedagógico possa ocorrer de maneira eficiente. Diante deste contexto, uma educação de qualidade, uma gestão voltada para este viés, com meios renovadores, que possam levar a reflexão e mudanças de atitudes, cabe a cada uma das pessoas envolvidas com o processo pedagógico, professores, gestores, estudantes e familiares, motivar, fortalecer as formas de ensino,

administrar o trabalho pedagógico com eficácia, exigir e garantir o ensino diversificado, construindo meios com a presença de recursos estratégicos para educação inclusiva.

Um dos meios e recursos que podem ser utilizados com essa finalidade inclusiva são as tecnologias de informação e comunicação, que ao envolver os sujeitos do processo potencializam o desenvolvimento da autonomia do aprender e de novas práticas educativas.

O presente trabalho de pesquisa de pós-graduação tem como **objetivo geral** conhecer as ações pedagógicas desenvolvidas na escola e o processo de inclusão escolar. E, como **objetivos específicos**: 1) discutir o planejamento educacional como forma de inclusão escolar; 2) descrever os preceitos da educação inclusiva; 3) apresentar conceitos de gestão e trabalho pedagógico relacionados a educação inclusiva; 4) descrever as TiCS como possíveis práticas inclusivas; 5) entender a formação de professores em um contexto de educação inclusiva.

O estudo se justifica, considerando as muitas documentações legais que regulam a gestão pedagógica (BRASIL, 1998) e o processo de inclusão escolar (BRASIL, 1996, 1999, 2004, 2014, 2015). Estes documentos tratam os aspectos do ensino e aprendizagem com regramentos, ou preceitos que podem essencialmente não atender às demandas de aprendizagem e de ensino na realidade educacional, por não estabelecerem relações transversais entre o sujeito da aprendizagem e a realidade de ensino existente.

Esse estudo está organizado em partes, além dessa introdução, foi desenvolvido amplo referencial teórico, trazendo tópicos sequencialmente organizados como dispositivos para a discussão temática: Educação Especial, Educação inclusiva e formação de Professores, Educação Especial Atendimento Educacional Especializado-AEE e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação-TIC, Educação Inclusiva Vicissitudes do e no Fazer Pedagógico, Formação de Professores Gestão e o Trabalho Pedagógico Educacional. A terceira parte descreve o método da pesquisa do tipo estudo de caso, finalizando com as demais partes que discutem os dados coletados e a conclusão.

Consiste num estudo que pode colaborar com gestores, pais e professores que assumem a tarefa de educar em uma sociedade inclusiva.

1 EDUCAÇÃO ESPECIAL, EDUCAÇÃO INCLUSIVA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Essa seção está organizada com base em três eixos, o primeiro recebe o subtítulo de Educação Especial: Atendimento Educacional Especializado-AEE e o uso das tecnologias da informação e comunicação-TIC, visa a apresentação descritiva da educação especial enquanto área do conhecimento e as relações possíveis do Atendimento Educacional Especializado-AEE e o uso das Tecnologias da Comunicação e Informação para a efetivação dos processos de ensinar e aprender. A apresentação dessas relações remete a Educação Especial, no sentido que enquanto área de conhecimento e modalidade de ensino, abarca a oferta de um serviço – O Atendimento Educacional Especializado- que pode ser qualificado para efeito desse processo com o uso da TICs.

A segunda seção ganhou a denominação de Educação Inclusiva: vicissitudes do/no fazer pedagógico, em que se destaca a necessidade de as instituições de ensino comum estarem preparadas, possibilitando desenvolver, estimular, atender a demanda dos alunos da educação especial, atualizando-se, proporcionando a inclusão educacional, a escola não faz seu papel de forma inclusiva e sim incluída, se inclui o aluno especial, não se tem resultados no fazer pedagógico na turma regular, pois os professores, não se preocupam, com estes alunos. Os ambientes de inclusão são aqueles que em os momentos, respeitam a diferença e valorizam o aluno especial, investindo, mobilizando a escola, família e sociedade, oferecendo desenvolvimento e oportunidades de aprendizagem de interesse e áreas afins deste.

A terceira seção é nomeada de Formação de professores: gestão e o trabalho pedagógico educacional, é preciso de formação de professores, investimento no fazer pedagógico, o professor torna-se responsável pelo desenvolvimento do aluno, e quando se aborda a garantia do ensino-aprendizagem para alunos da educação especial, nos deparamos com garantia de ensino qualificada, para demanda educativa. A partir deste contexto, adiante a necessidade, os professores necessitam de formação continuada, cursos de aperfeiçoamento especializado, para desenvolver uma aprendizagem e construção dos alunos, no Curso de Formação de Professores para o Atendimento Educacional Especializado (AEE). É importante definir que

Professores formadores: [...] tem a função de dinamizar a disciplina, imprimindo a metodologia de desenvolvimento e as estratégias pedagógicas inerentes ao conteúdo, além de orientar e acompanhar seus tutores, atuando junto com eles aos seus alunos. Tutores: [...] auxiliam os professores formadores na dinâmica da disciplina e no atendimento ao aluno. (SILUK; RAMPELOTO; CORTE, 2012, p.364).

O curso de formação proporciona, na relação entre professor e alunos enriquecimento e dinamização de ensino-aprendizagem, possibilitando experiências, interações, mediação, conhecimento, criatividade, autonomia, alfabetização, diversidade e inclusão, assim formando professores e transformando o cotidiano escolar.

Formar professores para realizar o AEE nas salas de recursos multifuncionais das escolas comuns da rede pública de ensino e promover um aprendizado que envolve a busca e a construção do conhecimento, a autonomia, a iniciativa, a criatividade, a cooperação, para que os professores atuem como agentes de transformação do cotidiano escolar. (SILUK; RAMPELOTO; CORTE, 2012, p.363).

A gestão está ligada ao pedagógico, é preciso apoio de formação continuada aos professores, o gestor precisa ir em busca de novas construções escolares, disponibilizar horários para aqueles professores que não têm esta bagagem para atuar na escola, é preciso avaliação, verificação das políticas, diante das necessidades de aperfeiçoamento de cursos e especialização, ampliando a oferta de formação Continuada para o Atendimento Educacional Especializado.

1.1.1 EDUCAÇÃO ESPECIAL: ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO-AEE E O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO-TICs

A educação especial é a área do conhecimento e modalidade de ensino que, complementa e suplementa o processo de formação dos alunos, elabora, identifica, facilita e organiza recursos pedagógicos para o ensino-aprendizagem, buscando suprir as necessidades dos alunos, estimulando desenvolvendo atendimento educacional especializado, diferenciado na sala do AEE. Ensino diferenciado da sala regular, classe comum de ensino.

O atendimento educacional especializado garante a inclusão de alunos com deficiência, na medida que lhes oferece o aprendizado de conhecimentos, técnicas, utilização de recursos informatizados, enfim tudo que difere dos currículos acadêmicos que aprenderá nas salas de aulas comuns do ensino regular. Ele é necessário e imprescindível, para que sejam ultrapassadas as barreiras que certos conhecimentos linguagens

recursos apresentam para que os alunos com deficiência possam aprender nas salas de aulas comuns do ensino regular. Portanto, esse atendimento não é facilitado, mas facilitador, não é adaptado, mas permite ao aluno adaptar-se às exigências do ensino comum, não é substitutivo, mas complementar ao ensino regular (BATISTA, 2006, p.26).

Utilizar no planejamento escolar em sala de aula as TIC é muito importante, para desenvolver o Atendimento Educacional Especializado, pois podem estimular envolver e motivar o aluno, de forma direta e assim o professor pode promover a aprendizagem e interação, professor e aluno?

Por isso percebe-se que as tecnologias fazem parte da realidade da maioria das crianças, dos adolescentes e dos adultos, desta forma, observa-se a necessidade de propor um aperfeiçoamento metodológico nas práticas educacionais diferenciadas para que sejam mais atrativas e atualizadas para todas as atividades ou necessidade do aluno. Com finalidade didática, as TIC podem ser utilizadas para programar o processo de adequação curricular. Segundo González (2002), os recursos tecnológicos são elementos de acesso ao currículo, fazem parte do conjunto de modificações realizadas para o aluno alcançar os objetivos e conteúdos previstos no programa de ensino. Acrescente-se a esses fatores a possibilidade de interação proporcionada pela tecnologia. González (2002, p.184-5) afirma que:

Na concepção do ensino como processo de comunicação didática e nos centrado na interação comunicativa, são evidentes a versatilidade e acessibilidade dos meios audiovisuais e informáticos para a comunicação e interação social dos sujeitos com necessidades especiais. Não se pode esquecer que, para muitas pessoas, esses recursos técnicos e tecnológicos e, em especial, os recursos tecnológicos informáticos, constitui a via de acesso ao mundo, à interação social e à comunicação ambiente. A utilização das diferentes estratégias e recursos tecnológicos permite atenuar as dificuldades que alguns sujeitos com necessidades educativas especiais têm não só durante o período de escolarização, como em sua posterior incorporação ao mundo do trabalho.

Pois as TICs podem promover aprendizagem e desenvolvimento por meio de programas e recursos educativos, jogos virtuais, multimídia, softwares, internet – sites, blogs, redes sociais e fóruns. Com a finalidade de serem educativos e ao mesmo tempo em que sustentam a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno, tanto no ambiente escolar como na residência do aluno.

As TICs em conjunto com os recursos dos programas de informação e comunicação têm o objetivo de despertar o interesse dos alunos e promover uma aprendizagem mais significativa, já que, essa aprendizagem permitirá a autonomia

do aluno no seu processo de aprendizagem, bem como, uma melhor interação professor (a) aluno. Conseqüentemente acarretará o comprometimento do aluno em seu desenvolvimento juntamente com o atendimento na sala recurso multifuncional e na sala de informática. Assim, mesmo que o aluno possua uma deficiência de grau mais elevado será possível desenvolver uma mediação pedagógica direta, simultaneamente, com os recursos para estimulá-lo de forma motivadora e diferenciada no processo de aprendizagem.

As TICs são recursos que podem auxiliar e possibilitar a construção do desenvolvimento e aprendizagem da criança. As TIC são recursos que podem ser utilizados nas escolas para a aprendizagem de ensino da criança com dificuldade de aprendizagem ou alguma deficiência nos atendimentos educacionais especializado. Pois, para Gonzáles (2002) a introdução das TIC nas escolas, em diferentes áreas do currículo, deve promover um nível satisfatório de autonomia preparando os alunos para se integrarem em seu meio sociocultural e, também, no mundo do trabalho. Além disso,

as respostas das tecnologias para a diversidade deverão ser contempladas como uma via de acesso à participação dos sujeitos na construção de seu conhecimento e cultura para poderem escolher uma vida independente e autônoma. (GONZÁLEZ, 2002, p. 184).

As TICs Podem auxiliar no processo cognitivo e motor e em construção da criança, como, leitura, escrita, lógico matemático, raciocínio lógico, atenção, comunicação, linguagem e autonomia. Por ser um recurso que possibilita atrativos, como, jogos, softwares educativos, internet, programas de editores e escritores de histórias e jogos virtuais. Estes contribuem como melhor ambiente de aprendizagem. Pois os mesmos permitem a evolução do aluno com dificuldade de aprendizagem ou algum tipo de deficiência, por possibilitar no aluno superar obstáculos e limitações, através da imaginação, desafios, lúdico, verificação e produção, resolução de problemas.

Com o auxílio das TICs, no Atendimento Educacional Especializado por meio de ferramentas computadorizadas, as crianças poderão descobrir que o seu mundo está cheio de possibilidades, caminhos diferentes, para poderem superar suas dificuldades e limitações, além de inúmeras habilidades que favorecem seu processo de desenvolvimento e de aprendizagem.

Torna-se incontestável o potencial das tecnologias [...] enquanto ferramentas para o desenvolvimento de aspectos cognitivos e sociais do aluno com necessidades especiais educacionais. [...] no sentido de romper com o isolamento do indivíduo com deficiências, permitindo que ele possa interagir e comunicar-se com o outro, sejam quais forem suas limitações. (BRASIL, 2008, p.10).

Nesse contexto, podemos compreender como as TICs vêm sendo utilizadas e concebidas pelos professores nas suas práticas educativas com alunos que apresentam dificuldade de aprendizagem ou necessidade especial em seus atendimentos nas salas de recursos.

A esse respeito, o próprio texto do ProInfo (2004, p.192) já havia afirmado que,

o acesso à informação é indispensável para o desenvolvimento de um estado democrático. Uma nova sociedade jamais será desenvolvida se os códigos instrumentais e as operações em redes se mantiverem nas mãos de uns poucos iniciados. É, portanto, vital para a sociedade brasileira que a maioria dos indivíduos saiba operar com novas tecnologias da informação e valer-se destas para resolver problemas, tomar iniciativas e se comunicar. Uma boa forma de se conseguir isto é usar o computador como prótese da inteligência e ferramenta de investigação, construção, representação, verificação, análise, divulgação e produção do conhecimento. E o locus ideal para deflagrar um processo dessa natureza é o sistema educacional.

Quando se aborda a utilização das TICs, obrigatoriamente nos deparamos à necessidade das escolas e dos professores emergir posturas e concepções, que possibilite que todos os alunos possam ter acesso à construção do conhecimento e da aprendizagem. É necessário o professor ter uma formação continuada, ter conhecimento das TICs em sua formação. A formação continuada desses profissionais é antes de tudo um auto formação, pois acontece no interior das escolas e a partir do que eles estão buscando para aprimorar suas práticas (MANTOAN, 2004).

Ressaltam-se aqui os jogos virtuais educacionais, que não servem apenas para proporcionar diversão, pois, fazendo uma análise dos aspectos pedagógicos, os jogos exercem uma importância que vai além do entretenimento, sem deixar de sê-lo. Eles possibilitam o desenvolvimento de habilidades e proporcionam o crescimento intelectual da criança, enquanto ela brinca (PIAGET, 1976). Os jogos virtuais funcionam como uma maneira diferente de motivar o aluno e de criar vínculos afetivos, e ambos, motivação e afetividade, facilitam a aprendizagem. A afetividade mobiliza o educando em busca do prazer e o jogo traz vantagens na sua

utilização pela presença das regras e limites. As regras contribuem com a socialização e, por esta razão, a proposta de sua utilização deve estar adequada com a faixa etária para a qual se destina (FRIEDMANN, 2004).

Os jogos virtuais se tornam divertido para a criança e uma nova forma de transmitir a aprendizagem, pois estes fazem com que o aluno fique concentrado para jogar, vencer etapas, obstáculos, alcançarem objetivos, passar de fases, administrar crises, disputar corridas. Silveira (1999) retoma os jogos virtuais e suas contribuições no desenvolvimento de conteúdos e habilidades, lembrando que o aluno com dificuldade de aprendizagem ou alguma deficiência, sente-se atraído e motivado por esse tipo de tecnologia. O uso dos jogos está mais associado a capacidade de diversão dos alunos, sendo pouco explorado o potencial dos jogos para o desenvolvimento de habilidades específicas para o aprender.

A criança que joga não se sente cansada ou entediada, pois se torna facilitador resolver cálculos matemáticos, por exemplo, com o uso dos jogos virtuais, são novas formas de aprendizagem e interação que podem desenvolver habilidades e aprendizagem em relações às crianças com o uso dos jogos virtuais nos atendimentos especializados. Os professores podem orientar os alunos, utilizando recursos adequados, mas sempre incentivando que a própria criança realize a atividade proposta, do contrário, se a ensinamos, ou dirigimos seu agir, impedimos que ela própria descubra. (PIAGET, 1975).

Portanto para o professor que utiliza as TICs ou os jogos educacionais é fundamental que tenha uma abrangência teórica sobre esta tecnologia. Para alcançar o fim pedagógico da atividade, bem como um objetivo a ser traçado, seu uso deve ser mediado por um professor, sendo esse deve avaliar as necessidades dos alunos estabelecendo objetivos e conteúdo, escolherem os jogos mais adequados desenvolvendo ao máximo suas potencialidades.

1.1.2 EDUCAÇÃO INCLUSIVA: VICISSITUDES DO/NO FAZER PEDAGÓGICO

A gestão do trabalho pedagógico educacional deve trazer uma proposta para o aperfeiçoamento das TICs nos atendimentos educacionais especializados, uma proposta de aprendizagem renovadora com o intuito de estimular, envolver e motivar o aluno, assim, o professor poderá promover a aprendizagem e desenvolvimento e interação do aluno. São objetivos da Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação inclusiva (BRASIL, 2008):

Assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, orientando os sistemas de ensino para garantir: acesso ao ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino; transversalidade da modalidade de educação especial desde a educação infantil até a educação superior; oferta do atendimento educacional especializado; formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão; participação da família e da comunidade; acessibilidade arquitetônica nos transportes, nos mobiliários, nas comunicações e informação; e articulação intersetorial na implementação das políticas públicas (BRASIL, 2008).

O AEE tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. O professor responsável pelo Atendimento Educacional Especializado (AEE) deverá identificar as necessidades individuais de seu aluno com dificuldade de aprendizagem ou alguma deficiência, elaborar atividades, mediações pedagógicas, que visam suprir suas necessidades na construção do conhecimento, identificando os resultados desejados e as habilidades do aluno. Também é de sua responsabilidade organizar e definir o tipo e o número de atendimentos que devem ser prestados ao aluno com deficiência, os quais devem utilizar todas as tecnologias disponíveis para promover a aprendizagem, ajudar na inclusão e auxiliar na acessibilidade dos alunos com deficiência.

Para uma educação de qualidade, é necessário um bom ensino e um professor com conhecimento didático e científico, responsabilidade, dedicação a tarefa de educar. Pois é fundamental repassar todas as informações e mostrar diferentes caminhos, para possibilitar a aprendizagem dos alunos, para que eles possam tomar consciência, de si, do mundo e oferecer e utilizar várias ferramentas

para o ensino aprendizagem, nessa perspectiva, segundo o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 30):

O professor é mediador entre as crianças e os objetos de conhecimento, organizando e propiciando espaços e situações de aprendizagens que articulem os recursos e capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas de cada criança aos seus conhecimentos prévios e aos conteúdos referentes aos diferentes campos de conhecimento humano. Na instituição de educação infantil o professor constitui-se, portanto, no parceiro mais experiente, por excelência, cuja função é propiciar e garantir um ambiente rico, prazeroso, saudável e não discriminatório de experiências educativas e sociais variadas.

A relação de aprendizagem e afeto deve estar sempre presentes, para a construção do conhecimento. O processo educativo com a afetividade durante a realização das intervenções é um fio condutor para uma boa relação entre os alunos, os professores e o conteúdo.

Inclusão e educação especial no fazer pedagógico, o trabalho educacional direcionado aos alunos do público alvo da educação especial, seja deficiência física, mental, transtorno global no desenvolvimento, alta habilidades\superdotação, envolvem responsabilidade, acerca de direitos educacionais e práticas pedagógicas diferenciadas. É preciso um contexto escolar preparado, estruturado para atender os alunos com necessidades especiais. Glat e Pletsch (2004, p. 5) contribuem:

O grande desafio posto para as universidades é formar educadores que não sejam apenas instrumentos de transmissão de conhecimentos, mas, sobretudo, de novas atitudes frente à diversidade humana. Além disso, devem ser preparados para construir estratégias de ensino e adaptar atividades e conteúdos não só para os alunos considerados especiais, mas para todos os integrantes de sua classe. Cabem às faculdades ou cursos de Educação, também, trabalhar com a formação continuada dos atuais professores, e incentivar o vínculo direto entre os professores da Educação Especial e do Ensino Regular.

Para o cumprimento dos direitos, existem as políticas curriculares de educação e a implementação de diretrizes, que visam o atendimento educacional especializado, o qual busca atender todas as necessidades dos alunos e o seu pleno desenvolvimento e aprendizagem. Tem-se muito a discutir, sobre as políticas. Pois no papel estas políticas existem direcionadas para o desenvolvimento e transformação dos alunos, até se tornarem cidadãos.

Mas sabe-se a partir de pesquisas, que existem diversas situações de exclusão, ou seja os alunos com necessidades especiais e com deficiência, sem o acesso a diversos espaços escolares, estando incluídos apenas em sala de aula. Buscam-se reflexões para contribuir com os trabalhos pedagógicos, voltados aos alunos com deficiência na escola. A aprendizagem depende de várias áreas de conhecimentos, sendo assim é necessário apoio e recursos para o atendimento educacional especializado. Para a interação e desenvolvimento pleno do sujeito. Oliveira (2009) comenta:

Além de ampliar o universo de análise conceitual da deficiência intelectual e considerar a prática social, há ainda, o estabelecimento dos níveis de apoio necessários para garantir o seu desenvolvimento e atender as suas necessidades. Desta forma há uma expressiva mudança de foco: do individual para o sistema de apoio, assim, o funcionamento individual é considerado como resultante da interação dos apoios com as dimensões conceituais (p.77).

É preciso ter professores formados em educação especial, como também, ter apoio de fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, médicos, fonoaudiólogos, pedagogos, nutricionistas, para que ocorra um trabalho eficaz. É preciso de gestão escolar para a prática e o atendimento desenvolvido, para que realmente possamos ter ambientes inclusivos de trabalho pedagógico educacional especializado satisfatório, desafiador e coletivo.

É preciso que educadores, gestores e demais responsáveis pela educação, desenvolvam ações que possibilitem a aprendizagem e desenvolvimento dos alunos com necessidades educacionais especiais, dentro e fora da escola. O fazer pedagógico nas séries iniciais deve ser caracterizado pela valorização das diferenças. Para Beyer (2003), a educação inclusiva exige do professor o desenvolvimento de competências profissionais que venham possibilitar o acolhimento do aluno com deficiência não apenas no sentido de proporcionar a interação social, mas de garantir educação com qualidade a esses alunos promovendo o avanço nos diferentes níveis da Educação Básica.

1.1.3 FORMAÇÃO DE PROFESSORES: GESTÃO E O TRABALHO PEDAGÓGICO EDUCACIONAL

É relevante analisar a gestão e a formação de professores no processo educacional, com um contexto de mudanças, para apresentar resultados no sistema de ensino. Como parte fundamental para uma educação de qualidade, necessitamos de novas práticas de ensino, utilizar as tecnologias de informação e comunicação, para novas estratégias pedagógicas, é preciso de uma organização, mobilização, de novas articulações do processo educacional. É necessário planejamento, colaboração de todos os membros da escola, dedicação, programas de apoio ao ensino e aprendizagem.

O princípio básico da colaboração envolve compromisso dos professores, dos administradores da escola, do sistema escolar, e da comunidade. Ripley (1997) aponta que a implementação do trabalho colaborativo na escola envolve tempo, suporte, recursos, pesquisas, monitoramento e, acima de tudo, persistência, mas que o componente principal é o tempo (MANZINI, 2006, p. 32).

Para obter resultados é preciso que o sistema educacional faça avaliações, de monitoramento de ações do ensino. É preciso de um trabalho participativo, entre os docentes, a escola, a comunidade, os alunos e a família. É necessário, planejamento e orientações sobre as questões educacionais, a importância e responsabilidade que todos têm mediante o compromisso para a transformação educacional.

Conforme afirmado em trabalho entre a Unesco e o Ministério da Educação “o diretor é cada vez mais obrigado a levar em consideração a evolução da ideia de democracia, que conduz o conjunto de professores, e mesmo os agentes locais, a maior participação, a maior implicação nas tomadas de decisão” (VALÉRIEN, 1993, p. 15). É necessário que as tomadas de decisões estejam agrupadas entre participação de todos os membros da escola, o diretor, os professores, e a comunidade, para um maior fortalecimento no trabalho escolar.

Para uma gestão de formação de professores e uma escola democrática é necessários um cenário de direitos, educação com responsabilidade, professores e gestores com formação, com competência que possuam uma visão solidária que busquem estar sempre bem informados, tenham conhecimento de legislação,

teorias, práticas, métodos diferenciados, planejamento, liderança, criatividade, autonomia e auto-estima.

Quando falamos de formação isso implica: construção de espaços para reflexão crítica, lexicalização e criação de canais de informação nas escolas, alianças e apoios entre os profissionais e implementação de políticas públicas de valorização e formação docente. Portanto, precisamos conceber a formação continuada dos educadores como elemento crucial para a (re) construção da instituição escolar. (ALMEIDA, 2004, p. 26).

Imprescindível torna-se uma gestão que tenha visão do todo, da sociedade, da comunidade, da família, dos alunos, dos professores e da escola. É necessário gestor que trabalhem com ações conjuntas, não excluindo, mas, dando oportunidades para todos, para poder ter resultados de seu fazer educacional. O trabalho do gestor escolar deve ser com a visão de organização conjunta dos fazeres escolares para o sucesso da aprendizagem e desenvolvimento do sistema escolar de ensino. O diretor deve colocar em prática de forma integrada e interativa os seguintes fatores para um bom resultado. (Sammons, Hilman e Mortimore apud FERRÃO, 2001, p.215).

- i) liderança profissional;
- ii) visão e metas compartilhadas pelos agentes educativos;
- iii) ambiente de aprendizagem;
- iv) concentração no processo ensino-aprendizagem;
- v) ensino estruturado com propósitos claramente definidos;
- vi) expectativas elevadas;
- vii) reforço positivo de atitudes;
- viii) monitoramento do progresso;
- ix) direitos e deveres dos alunos;
- x) parceria família-escola;
- xi) organização orientada à aprendizagem.

O diretor ao procurar estar sempre se atualizando, para uma organização escolar eficaz e construtiva vai colaborar para a efetividade de uma gestão participativa. No processo de formação docente há muito a se discutir, o profissional de educação tem muitos desafios, quando se fala em formação de professores fala-se de formação continuada, é um preparo para o crescimento e desenvolvimento educacional. Para uma educação de qualidade é preciso de uma formação de qualidade, mudanças no cenário educacional, discutir políticas públicas de governo que viabilizem ações que contribuem para o processo de formação continuada dos docentes. Uma educação de qualidade investe na formação de professores com

ênfase na didática-pedagógica para atender as necessidades específicas de aprendizagem.

[...] predominou nelas a preocupação com o domínio dos conhecimentos a serem transmitidos nas escolas de primeiras letras. O currículo dessas escolas era constituído pelas mesmas matérias ensinadas nas escolas de primeiras letras. Portanto, o que se pressupunha era que os professores deveriam ter o domínio daqueles conteúdos que lhes caberia transmitir às crianças, desconsiderando-se o preparo didático-pedagógico. (SAVIANI, 2009, p.144).

Idealmente se deseja uma gestão educacional com estrutura, apoio didático, recursos, para a educação de qualidade, formação de professores competentes, que saibam identificar as demandas, as formas de atuação, aprofundamento teórico e prático. Nesse sentido as condições de trabalho são muito importantes, não se pode sobrecarregar o professor que precisa e deseja continuar os seus estudos, é preciso de estímulo nas escolas para que os professores possam concluir sua formação, pois se vive num mundo de transformações, o qual cada vez mais acelera. As crianças e a sociedade precisam de mais atenção suprir suas necessidades, e conseqüentemente o professor tem que estar preparado para atender, atuar e realizar suas práticas de ensino e assistência.

O cenário da educação brasileira necessita de investimentos e de um olhar crítico e reflexivo. Portanto torna-se necessário uma reformulação a partir dos órgãos educacionais para ampliar as condições básicas de ensino nas escolas, tanto nas questões administrativas como nas questões da qualidade do ensino. A educação está nas mãos de todos. O país se desenvolve no momento que há investimentos e começa na educação, uma educação boa gera frutos, pessoas conscientes, com visão, conhecimento, que desejam participar, tomar decisões, e agir de forma consciente.

2 MÉTODO

O presente trabalho é uma pesquisa de abordagem qualitativa descritiva, exploratória, do tipo estudo de caso clássico (MARTINS, 2008). A abordagem qualitativa segundo Ludke e André (1986) tem como finalidade desvendar aspectos da realidade para ampliar conhecimentos. Segundo, Cervo e Bervian (1996, p.49), a pesquisa exploratória é uma forma de pesquisa descritiva e fazem afirmações elucidativas com relação à figura da construção de hipóteses no estudo exploratório, ao afirmarem:

[...] é normalmente o passo inicial no processo de pesquisa pela experiência e auxílio que traz na formulação de hipóteses significativas para posteriores pesquisas. Os estudos exploratórios não elaboram hipóteses a serem testadas no trabalho, restringindo-se a definir objetivos e buscar maiores informações sobre determinado assunto de estudo.

Segundo Gil (1995) para o estudo de caso ser efetivado, um roteiro aberto e mínimo deve ser estabelecido previamente contemplando as seguintes fases:

- a) Delimitação da unidade-caso: um aluno com síndrome de Down.
- b) Coleta de dados: realizada em uma escola do município de Santa Maria-RS. Por meio de observação, aplicação de roteiros e acompanhamento de práticas inclusivas.
- c) Análise e interpretação dos dados: estudo de caso descritivo com base na aplicação de roteiro do plano de intervenção pedagógica e observação de práticas pedagógicas na escola. Os roteiros são propostas apresentadas por Bridi e Pavão (2015) consistindo em tarefas que um professor da sala regular ou da sala de recursos multifuncional pode utilizar para que acompanhar e potencial a aprendizagem do alunos com dificuldade de aprendizagem ou deficiência. (ANEXOS A, B, C, D, E). Considerando que os roteiros em sua formulação original permitem adaptações, alguns roteiros foram adaptados com vistas adequação do caso em estudo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

Essa seção apresenta a discussão dos dados coletados iniciando-se pela unidade do caso com a caracterização do espaço escolar em que o sujeito do estudo está inserido. Em continuidade ao caso, descreve-se a aplicação dos roteiros (BRIDI; PAVÃO, 2015) de acompanhamento do aluno, sujeito do caso em estudo. Os dados apresentados, durante o acompanhamento pedagógico salientam a evolução de aprendizagem do aluno, frente às práticas pedagógicas diferenciadas, a forma de mediação, interação aluno/ professor/ escola/ colegas e as mudanças no fazer pedagógico como prática de gestão do pedagógico.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR

O estudo foi realizado em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental que está situada na zona oeste do Município de Santa Maria-RS (SECRETARIA, PPP, 2014, p. 1). Desde março de 2012 funciona com Educação Infantil e anos iniciais, continuando com a Educação de Jovens e Adultos-EJA. Atende cerca de 280 alunos (SECRETARIA, PPP, 2014, p. 1).

Apresenta boa estrutura física e na configuração atual do quadro de funcionários, não faltam professores. Uma merendeira e uma funcionária de serviços gerais realizam suas atribuições no espaço escolar. A escola atende desde a Educação Infantil (maternal) até o 5º ano no diurno e a EJA no noturno. A Escola possui amplo laboratório de informática e sala de recursos multifuncional, na qual os alunos com deficiência são atendidos pela educadora especial. (SECRETARIA, PPP, 2014, p. 1).

A relação da Escola com a comunidade é muito boa, os pais se apresentam colaborativos com as atividades da escola sempre receptiva a eles quando há necessidade.

Dentre os pontos fortes da escola destacam-se o acolhimento que é oferecido aos estudantes, pais e comunidade em geral, à disposição de todos os segmentos em relação às necessidades materiais dos estudantes e suas famílias (material escolar, roupas, calçados, cobertores, alimentos, medicamentos) e encaminhamentos para especialistas na área da saúde, pois muitos têm família

desestruturada e carente e buscam sustento como catadores. Outra grande preocupação da escola é com um quadro docente bem qualificado.

A Escola apresenta algumas fragilidades devido à sua situação geográfica ser num ponto de muita vulnerabilidade em relação à drogas, prostituição e famílias desestruturadas. Como está situada em uma esquina de duas avenidas com muito tráfego, tem problemas de segurança em relação ao trânsito de veículos. Muitos alunos auxiliam suas famílias na coleta de materiais recicláveis o que leva a baixos índices de frequência e até evasão. Quando os alunos não estão na coleta seletiva, fazem pequenos trabalhos como cuidar carros, babá ou faxina, o que também leva a baixa frequência e conseqüentemente aproveitamento insatisfatório. A Escola não participa da avaliação externa porque não atinge o número mínimo de alunos. (SECRETARIA, PPP, 2014, p. 2).

É oferecido para todos os alunos o Programa *Mais Educação* no turno inverso das aulas. A clientela é oriunda das Vilas Lídia, Arco-Íris, Renascença e Nova Santa Marta, comunidades carentes social e economicamente, nas suas necessidades básicas. As famílias vivenciam problemas como alcoolismo, dependência química, fome, maus-tratos e abandono, o que interfere na saúde emocional dos estudantes. Devido à falta de saneamento básico e conseqüentemente a falta de higiene, algumas famílias estão expostas a escabiose, leptospirose, doenças respiratórias e doenças de pele. (SECRETARIA, PPP, 2014, p. 3).

Para realizar a pesquisa foram utilizados para a coleta de dados a observação e os roteiros (ANEXOS A, B, C, D, E, F).

3.2 ROTEIROS DE TRABALHO: CONHECENDO O CASO EM ESTUDO

Nessa seção são apresentados os roteiros utilizados no conhecimento e intervenção da unidade-caso.

3.2.1 APLICAÇÃO DO ROTEIRO DO PLANO DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (BRIDI; PAVÃO, 2015).

A. Dados de identificação:

- Nome do Aluno: Ruan
- Idade: 9 anos
- Série: 4^o ano
- Nome do Professor do Ensino Regular: C. R.
- Outras informações: Educadora Especial: P. A. D.
- Monitora: A. do N. dos S.

B. Plano de Atendimento Educacional Especializado

Objetivos: Os atendimentos têm como objetivo desenvolver a área afetiva, área cognitiva, área psicomotora, prestando atendimento individualizado ao aluno. Para o desenvolvimento e crescimento do ensino aprendizagem do mesmo, com uso de materiais pedagógicos diferenciados, como a utilização das Tics, computadores, máquinas fotográficas, sons e jogos educativos entre outros.

Estrutura do Atendimento

O atendimento educacional é no turno da manhã todos dias da semana, com duração de 50 minutos.

Seleção das atividades ou procedimentos didáticos desenvolvidos no atendimento:

As atividades selecionadas para os atendimentos:

- Leitura oral de livros.
- Jogo de animais.
- Trabalhando música
- Trabalhando Higiene
- Utilização de recursos tecnológicos Tics.

- Trabalhando ciências
- Corpo Humano.
- Quebra-cabeça.
- Trabalhando cores.
- Trabalhando inclusão na escola, interagindo com aluno no recreio, nas brincadeiras (estátua, pega-pega, pular corda, bola).

Seleção de Recursos

Utilização dos recursos tecnológicos Tics, vídeos educativos, materiais diversificados como: massinha de modelar, bola, jogos, quebra-cabeça, brinquedos, instrumentos musicais, tambores, flautas, chocalhos.

Redes de apoio para o enriquecimento do atendimento educacional especializado

Foi realizada, junto com Educadora Especial, uma avaliação para atendimento de fonoaudióloga, para desenvolvimento da linguagem do aluno.

A verificação dos resultados alcançados com as ações desenvolvidas deve ser realizada a cada quatro meses de trabalho.

3.2.2 APLICAÇÃO DO ROTEIRO DE ENTREVISTA COM CUIDADORA (BRIDI; PAVÃO, 2015).

História do desenvolvimento: O aluno apresenta deficiência, Síndrome de Down que é causada pela presença de três cromossomos 21 em todas ou na maior parte das células de um indivíduo. Isso ocorre na hora da concepção de uma criança. As pessoas com síndrome de Down, ou trissomia do cromossomo 21, têm 47 cromossomos em suas células em vez de 46, como a maior parte da população. As crianças, os jovens e os adultos com síndrome de Down podem ter algumas características semelhantes e estar sujeitos a uma maior incidência de doenças. (COPYRIGHT, 2014, p.1).

Considerando os diferentes aspectos do desenvolvimento infantil, como: psicomotores, cognitivos, linguísticos, afetivos, o aluno apresenta-se em processo cognitivo lentos, está em processo de coordenação motora, linguística, com um atraso na linguagem, aluno se mostra bastante afetivo, quando em situações de desconforto, mostra-se revoltado, resistente, e desobediente e agressivo.

História familiar: A família do aluno encontra-se em situação de pobreza, não se mostra interessada na vida escolar do aluno, pois ele mesmo vem para escola todo sujo sem aspecto de higiene no corpo pode-se observar que a família não se preocupa com as necessidades básicas dele.

História escolar: Histórico da trajetória de escolarização do aluno (quando iniciou sua vida escolar, quantas escolas estudou, como se caracteriza seu histórico e desempenho escolar, observações e relacionamentos com professor e com colegas, outros). O aluno Ruan tem nove anos de idade atualmente e está no 4º ano do Ensino Fundamental da Escola. O aluno ingressou na escola na data 15/12/2011, no Pré- B, ensino regular. Na escola ele apresenta-se feliz, mas com indisposição para desenvolver as atividades e fazer tudo com segurança, se houve algum conflito em casa, ele apresenta mais indisposição, resistência e dificuldades. Vem para escola, com muita vontade de dormir, dormindo por vezes, durante todo período escolar. Esta conduta, pode ser uma forma de fugir dos conflitos emocionais, cansaço e indisposição. O aluno gosta dos amigos da escola, não gosta de estudar. Não é assíduo e não tem bom comportamento, as vezes se mostrando resistente para as atividades, com os colegas e professores. Com apoio, realiza todas as atividades que lhe é proposta, mas com muita lentidão. Compreende comando e as propostas de atividade.

História Clínica: O aluno apresenta diagnóstico de Síndrome de Down.

História afetiva: A família mostra-se com desinteresse para com o desenvolvimento do aluno, não o estimulando, muito pouco, sem dar as necessidades básicas para que o aluno possa manter-se bem em sala de aula. Em

função de o aluno apresentar deficiência, a família acaba deixando de procurar apoios, e achando que o mesmo não precisa ser cidadão ativo na sociedade.

3.2.3 APLICAÇÃO DO ROTEIRO DE DADOS DO PERFIL DO ALUNO (BRIDI; PAVÃO, 2015).

Aspectos físicos: O aluno apresenta condições mínimas de higiene, sem limpeza do corpo, com roupas sujas, unhas com sujeiras, piolho no cabelo, vem com roupas rasgadas e apresenta obesidade. O aluno tem muita dificuldade de aprendizagem, não é alfabetizado e não tem coordenação motora bem desenvolvida.

Constituição familiar: A família do aluno é constituída pelos seguintes integrantes, pai, mãe, três irmãs e quatro sobrinhos.

Condições sociais e econômicas do aluno: O aluno apresenta condição social e econômica muito precária.

Condições de aprendizagem: Apresenta importante nível de atraso escolar, aprendizagem e desenvolvimento.

História escolar: O aluno frequentou a escola desde o início da Educação Infantil, sempre mostrou atraso e dificuldade em relação a aprendizagem.

3.2.4 APLICAÇÃO DO ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O PROFESSOR (BRIDI; PAVÃO, 2015).

O roteiro apresenta a seguinte estrutura:

- a) Como é feito o planejamento escolar
- b) Que metodologias são utilizadas
- c) Vê o ensino de qualidade
- d) Como vê o desempenho do aluno
- e) Vê o aluno como participante da aula

- f) Que material didático utiliza
- g) Utiliza em suas aulas as tecnologias
- h) Forma de organização para aulas
- i) Como ocorre a dinâmica em sala de aula

Dados coletados com o professor:

- a) Como é feito o planejamento escolar: *procuro elaborar o planejamento para o aluno de acordo com o desempenho de aprendizagem dele que envolve pequenas letras, seu nome, numerais, quando ele fica em sala de aula.*
- b) Que metodologias são utilizadas: *não utilizo nem uma metodologia especial, para realizar as atividades, vai de acordo com o que ele está no momento da aula.*
- c) Vê o ensino de qualidade: *ainda não vejo muita qualidade de ensino com relação ao seu desempenho na aprendizagem já que por estar no quarto ano deveria ter um pouco mais de conhecimento. No momento, seu nível de aprendizagem está no início do primeiro ano.*
- d) Como vê o desempenho do aluno: *sua aprendizagem está lenta, mas seu desempenho emocional e social está bem desenvolvido já que está interagindo com os colegas em atividades de grupo.*
- e) Vê o aluno como participante da aula: *ele participa muito pouco, mas observa o que os colegas fazem e tenta imita-los fazendo leitura ou cópia do quadro.*
- f) Que material didático utiliza: *utilizo muito material impresso para que ele possa realizar as atividades.*

- g) Utiliza em suas aulas as tecnologias: *Não utilizo, apenas em sala de informática e dia de projeto.* (considerou um projeto na escola que usa as tecnologias).
- j) Forma de organização para aulas: *procuro deixa-lo junto com algum colega que possa ajuda-lo ou com a professora monitora, quando ele fica em sala de aula.* A última questão do roteiro sobre como ocorre a dinâmica em sala de aula, foi respondida da mesma forma, ou seja, a dinâmica de deixar o aluno com algum apoio ou ajudante, monitor ou colega de classe.

Este roteiro foi aplicado com o objetivo de conhecer as práticas e planejamento do professor de turma regular, para procurar desenvolver a partir de um trabalho coletivo, situações e ambientes pedagógicos que favoreçam a inclusão do aluno em sala de aula, a relação professor-aluno, com colegas, direção e demais funcionários da escola, bem como família participando das atividades escolares juntos, de forma que eles confiem nos profissionais quem envolvem o processo educacional do aluno de forma satisfatória. Posteriormente, foram realizados encontros com a professora de turma regular e com a educadora especial, para refletir sobre as ações educacionais e realizar a devolutiva do trabalho realizado.

Quanto ao roteiro sobre a família (ANEXO C) foi realizado uma visita domiciliar, para conhecimento do local onde o aluno reside. A casa localizada na periferia da cidade é pequena e com estrutura precária. Os pais trabalham com reciclagem de lixo. Residem cerca de dez pessoas na casa. Segundo informações dos familiares presentes, a mãe do aluno trabalha, o pai é alcoólatra, a família em geral possui pouco conhecimento da deficiência. A irmã que acompanha o aluno a escola, também possui pouco conhecimento sobre a deficiência e pouco consegue auxiliar nos processos de aprendizagem do aluno. Na casa, não há um local apropriado ou destinado para estudo.

3.3 DISCUTINDO O CASO: TRANSCENDENDO OS DADOS COLETADOS

Com os dados coletados na entrevista com professora da turma regular, e os dados dos roteiros analisados, pode-se observar que a professora da turma regular, sente-se despreparada, e não utiliza em seu planejamento recursos diferenciados para que possa favorecer a aprendizagem do aluno. Compreende que a responsabilidade do aprender é do aluno, por ele apresentar dificuldade em razão da deficiência e baixo nível de desempenho. Em suas falas, os métodos tradicionais são presentes com frequência, utilizando material impresso como preparação para seu plano pedagógico. A professora da turma regular não procura mudar seus recursos ou usar ferramentas tecnológicas em suas dinâmicas em sala de aula, não procura metodologia para fazer diferente para que o aluno possa interagir nas atividades e com os colegas.

Pode-se questionar a professora de turma regular, pois é preciso mudança, adaptação, pode-se observar o acolhimento de alguns colegas, funcionários para com o aluno, dando-lhe suporte nas dependências da escola, interagindo em brincadeiras, a escola, ainda precisa de assistência especializada e mudanças, para se dizer uma escola inclusiva, estas situações são verídicas, analisadas dentro do espaço escolar, sabe-se que é só mais uma situação de várias que existem em nosso meio educacional.

Percebeu-se que a escola precisa realizar algumas adaptações, olhar com um viés de inclusão. Não basta ter monitores para atender alunos com deficiência na escola, é preciso preparação para atender estes alunos, é preciso mudanças na gestão escolar, de avaliar as necessidades destes alunos, e propor para os professores formação e cursos de capacitação, especialização em atendimento educacional especializado, para que realmente ocorra o processo de inclusão escolar nos ambientes educativos.

Quando aplicado o plano de intervenção pedagógica pela monitora, diferentes atividades foram proporcionadas inclusive utilizando as TICs (ANEXO G).

O caso do aluno Ruan, pode ser considerado um desafio por professores e gestores educacionais, pois realizar atendimentos educacionais, com o uso de recursos tecnológicos de comunicação e informação TICs, implica no amplo conhecimento das áreas em questão, educação e tecnologias. Além disso, deve-se considerar as necessidades especiais de um aluno, que em função das características de aprendizagem, necessita de muito investimento para que possa

desenvolver, aprender, conviver e descobrir novos conhecimentos no âmbito escolar. O caso apresentado possibilita o olhar para uma nova forma de ação pedagógica, trazendo os pontos positivos e negativos da situação de inclusão que a escola enfrenta.

O aluno, unidade do caso, no início dos atendimentos, se mostrou resistente, desobediente, muitas vezes, deixando-se levar pelo sono em sala de aula e quando acordado, fazia birras, se atirando ao chão nas dependências da escola, chorando, e batendo nos colegas.

Com muita persistência da monitora, propondo um trabalho diferenciado para que ele pudesse aprender e participar das atividades escolares o aluno foi gradativamente mostrando sinais de receptividade as ações.

Foi preciso desafiar o próprio aluno com muita paciência, afeto, compreensão, e novas práticas metodológicas para elaboração dos atendimentos, isto é, diferenciadas daquelas que habitualmente eram propostas a esse aluno na escola, principalmente pela introdução dos elementos das TICs. Desse modo, foi possível despertar no aluno o interesse pelo aprender, com a utilização das TIC, pois o aluno, ao realizar atividades com auxílio de recursos, jogos educativos, softwares e vídeos fazia descoberta de conhecimentos novos, tais como: aprendizagem de números, letras, cores, frutas, animais, aprendendo de forma lúdica (ANEXO G).

Constatou-se com essas intervenções pedagógicas que, proporcionando estímulos novos e desafiadores, as possibilidades de aprendizagem se multiplicam. Diante disso, o aperfeiçoamento metodológico nas práticas educacionais vigentes torna-se necessário, principalmente ao considerar as necessidades especiais de muitos dos alunos. Ao encontro com essas questões as TICs, com finalidade didática, podem ser utilizadas nas práticas educativas em sala de aula, pois são recursos que fazem parte do programa educativo e processo de adequação curricular.

Observou-se também, no uso das TICs (ANEXO G) a possibilidade de interação com os colegas em sala de aula, participando nos trabalhos coletivos como também nas atividades na escola, nos dias comemorativos, nos projetos de saúde e paz na escola, participando com os colegas de outras turmas.

CONCLUSÃO

O objetivo do presente trabalho foi conhecer as relações e ações de gestão do trabalho pedagógico inclusivo em prática no contexto escolar. Trazendo assim as relações observadas nas ações pedagógicas desenvolvidas na escola e no processo de inclusão. Tais ações, não se mostraram eficazes, principalmente ao considerar o planejamento educacional. A carência de conhecimento técnico específico a área da inclusão e deficiência, que recaem sobre a formação, para poder desenvolver um trabalho pedagógico inclusivo pode ainda ser o maior entrave.

Um olhar da gestão pedagógica da escola pode ser direcionado a formação continuada e preparação dos ambientes escolares para desenvolver o trabalho inclusivo, haja vista que em sua maioria, as escolas, parecem ainda não estarem preparadas para receber alunos com necessidades educacionais especiais.

O trabalho pedagógico inclusivo requer estreita vinculação do professor da sala de aula regular, do professor da sala de Atendimento Educacional Especializado e da gestão pedagógica da escola.

O planejamento educacional, com os alunos especiais, é uma das formas positivas para que se possam alcançar resultados e desenvolvimento do aluno, relação social, habilidades, comportamento. Esse planejamento, pode se tornar uma forma de inclusão, pois o professor realizando seu planejamento escolar estará pensando nos seus alunos, nas suas necessidades, sem excluir. Contrariamente ele considera cada um com suas particularidades, ele pode adapta os materiais e planos de aula, para que ele possa incluir todos de forma que ocorra a participação no ambiente e conseqüentemente a aprendizagem. Os preceitos da educação inclusiva são criar condições de ensino para todos, que visem estrutura, recursos, materiais, espaços construtivos para toda a diversidade de educandos.

Os sistemas de ensino devem dar resposta às necessidades educacionais dos alunos em situação de inclusão. É necessária uma nova gestão escolar, com novos olhares e fazeres, é preciso organização de projetos inclusivos, implicando mudanças nas propostas curriculares educacionais, apresentando um trabalho inovador com o uso das TICs.

Uma proposta pedagógica educacional inclusiva, que se mostra positiva no fazer pedagógico, trazendo resultados para o desenvolvimento do aluno especial sendo desenvolvido com novos recursos pedagógicos, comportamento, interesse,

autonomia, aprendizagem. A proposta de formação continuada e projetos, para os professores da escola, seriam possíveis práticas inclusivas, pois estaria visando a concepção inclusiva de ensino, que reflete, nos meios culturais, sociais, intelectual e físico de alunos e professores, tais ações descritas possibilitariam, o fazer pedagógico inclusivo, atendendo á formação de professores e ás necessidades educacionais inclusivas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mariangela Lima de. **Formação continuada como processo crítico-reflexivocolaborativo**: possibilidades de construção de uma prática inclusiva. 2004. 263 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2004.

BATISTA, Cristina. A. M. **Educação inclusiva**: atendimento educacional especializado para a deficiência mental. 2.ed. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

BEYER, H.. A educação inclusiva: incompletudes escolares e perspectivas de ação. **Cadernos de Educação Especial**, Santa Maria, n. 22, 2003. p. 117-25 .

BRASIL. Lei nº 9.394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Poder Legislativo, Brasília, DF, 20 dez.1996. Disponível em: <http://www.bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/ldb_5ed.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental**. - Brasília: MEC/SEF, 1998, volume: 1 e 2.

BRASIL. **Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência**. Regulamenta a Lei no 3.298, de 20 de dezembro de 1999, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 dez.1999. Disponível em: <<http://www.acessibilidade.org.br/Lei%20Acessibilidade10098>>. Acesso em: 03 jun. 2015.

BRASIL. Referencias para construção de sistemas educacionais inclusivos: a fundamentação filosófica, a história, e formalização. Brasília: MEC\ SEESP, 2004. MEC\ SEED\ PROINFO. **Diretrizes**. Disponível em: <<http://www.proinfo.gov.br/conheça-o-proinfo/html-1100-diretrizes>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF, MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <<http://www.portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2015.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação**. 2014. Disponível em:< <http://educarparacrescer.abril.com.br/politica-publica/plano-nacional-educacao-762389.shtml>>Acesso em: 03 fev.2015.

BRASIL. **Lei nº 13.146** de 06 de julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Brasília, DF: 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.html>. Acesso em: 08 nov. 2015.

BRIDI, F. R. de S. ; PAVÃO, S. M. de O. Orientações e sugestões de roteiros para o Atendimento Educacional especializado-AEE. In: SILUK, A. C. P.; PAVÃO, S. M. de O. **Atendimento Educacional Especializado-AEE: Práticas pedagógicas na sala de recursos. Multifuncional.** Santa Maria: pE. com, 2015.

CAVALLI, A. **[a cura di] Insegnare oggi:** prima indagine IARD sulle condizioni di vita e di lavoro nella scuola italiana. Bologna: Il Mulino, 1992.

COPYRIGHT. **Movimento Down. 2014,** p. 1. Disponível em: <<http://www.movimentodown.org.br/sindrome-de-wown/o-que/sindrome-de-down>> Acesso em: 30 jun. 2016.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE MUNICÍPIO DE SANTA MARIA. Escola Municipal de Ensino Fundamental. **Projeto Político Pedagógico.** Santa Maria, RS. 2016.

FRIEDMANN, Adriana. **A Arte de Brincar.** São Paulo: Vozes, 2004.

FERRÃO, Maria Eugênia et al. O Saeb–Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica: objetivos, características e contribuições na investigação da escola eficaz. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v.18, n.1/2, jan./dez, 2001.p. 111-130.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos e pesquisa.** 3.ed. São Paulo: Atlas; 1995.

GONZÁLEZ, J. A. T. **Educação e diversidade:** bases didáticas e organizativas. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GLAT, R. PLETSCHE, M. D. O papel da Universidade frente às políticas públicas para educação inclusiva. **Revista Benjamin Constant**, Rio de Janeiro, 2004. p. 3-8.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MANTOAN, M. T. E. Caminhos pedagógicos da educação inclusiva. In: GAIO, R.; MENEGHETTI, R. (Org.). **Caminhos pedagógicos da educação especial.** Petrópolis: Vozes, 2004.

MANZINI, E. J. (Org.) **Inclusão e acessibilidade.** Marília: ABPEE, 2006, v, 1, p. 29-41.

MARTINS, G. de A. **Estudo de caso**: uma estratégia de pesquisa. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

OLIVEIRA, A. A. S. Estratégias para o ensino inclusivo na área da deficiência intelectual: alguns apontamentos. In: MARQUEZINE, M. C.; MANZINI, E. J.; BUSTO, R. M.; TANAKA, E. D. O.; FUJISAWA, D. S. **Políticas públicas e formação de recursos humanos em educação especial**. Londrina: ABPEE, 2009. p.69-82.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. 2. ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.

SILUK, A. C. P.; RAMPELOTO, E.; CORTE, J.D. Curso de Aperfeiçoamento em Atendimento Educacional Especializado: discutindo caminhos para a qualificação da formação docente. In: SILUK, A.C.P. (Org.). **Atendimento Educacional Especializado**: Contribuições para a prática pedagógica. Santa Maria: Laboratório de Pesquisa e documentação- CE-UFSM, 2012.p. 359-70.

SILVEIRA, S.R. - **Estudo e Construção de uma ferramenta de autoria multimídia para a elaboração de jogos educativos**. Dissertação de Mestrado POA-PPGC UFRGS, 1999.

SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos do problema no contexto brasileiro. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2009. Vol.14, n. 40, pp. 143-55.

ANEXOS

ANEXO A: ROTEIRO DO PLANO DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (BRIDI; PAVÃO, 2015, p. 140).

A. Dados de identificação:

Nome do aluno:

Idade:

Série: Turma:

Escola:

Nome do Professor do Ensino Regular:

Outras informações:

B. Plano de Atendimento Educacional Especializado

1. Objetivos

Objetivo Geral e Objetivos Específicos: descritos na forma de explicitar uma ou mais situações/ problema a serem trabalhadas ou resolvidas com o plano de ação no AEE

2. Estrutura do Atendimento: especificar turno de atendimento, frequência e duração ou quando este atendimento ocorrerá – contraturno- qual a frequência – duas vezes na semana e qual duração (50 minutos).

3. Seleção das atividades ou procedimentos didáticos desenvolvidos no atendimento: (exemplo: jogo, exposição oral, leitura, confecção de materiais)

4. Seleção de recursos e equipamentos a serem utilizados:

5. Redes de apoio para o enriquecimento do Atendimento Educacional Especializado: encaminhamentos, ou os que já são realizados (psicólogo, fisioterapeuta, terapeuta ocupacional, outros).

6. Verificação dos resultados alcançados com as ações desenvolvidas (especificar o período dessa verificação, por exemplo, a cada quatro meses de trabalho):

ANEXO B: ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS PAIS OU CUIDADORES (BRIDI; PAVÃO, 2015, p. 141).

Recolha dados relativos a:

- *História do desenvolvimento*: Concepção e desenvolvimento do seu aluno (considerar elementos do período gestacional e do nascimento; considerar os diferentes aspectos do desenvolvimento infantil, tais como: psicomotores, cognitivos, linguísticos, afetivos, orgânicos).
- *História familiar*: Constituição e dinâmica familiar.
- *História escolar*: Histórico da trajetória de escolarização do aluno (quando iniciou sua vida escolar, quantas escolas estudou, como se caracteriza seu histórico e desempenho escolar, observações e relacionamentos com professores e com colegas, outros).
- *História Clínica*: Doenças adquiridas, tratamentos realizados e medicações que usa ou usou.
- *História “afetiva”*: Descrição da imagem que a família tem do aluno e de expectativas em relação a sua aprendizagem.

ANEXO C: ROTEIRO DE UMA ENTREVISTA DOMICILIAR

Em alguns casos os alunos que são atendidos por você, necessitam de uma orientação especial quanto as atividades que são realizadas em casa. Esse indicador denota a importância de conhecer esse contexto familiar.

Converse com os pais e responsáveis do aluno, e agende uma visita.

Dados que podem ser registrados nessa visita:

- Características do local onde mora a família (centro, periferia, estrutura do local):
- Características e recursos da casa (própria, alugada, emprestada) número de pessoas que habitam, entre outros de natureza econômica.
- Relação e dinâmica familiar
- Condições de alimentação, sono, entre outros.
- Local destinado aos estudos, e recursos para estudar disponíveis em casa.

ANEXO D: DADOS DO PERFIL DOS ALUNOS

- Aspectos físicos (impressões iniciais). Permita-se olhar para além do aspecto físico do aluno (raquitismo, obesidade, condições de higiene e vestuário). Registre dados que contribuam para a identificação das necessidades de aprendizagem.
- Constituição familiar.
- Condições sociais e econômicas do aluno.
- Condições de aprendizagem
- História escolar (número de escolas e tratamentos realizados, detalhe bem essas informações com o próprio aluno, para conhecer a impressão dele. Como o próprio aluno vê sua aprendizagem e trajetória escolar).

ANEXO E: ASPECTOS A SEREM OBSERVADOS NA RELAÇÃO COM O PROFESSOR DA SALA REGULAR

- A- Conheça o professor que atua na sala regular (questione sobre a formação inicial, tempo de serviço na área, constituição familiar atual do professor, interesse de realizar formação continuada, tipos e quais cursos de aperfeiçoamento já realizados, outros).
- B- Observe: como ele se relaciona com os colegas professores, como os alunos da escola, como os alunos na sala de aula.
- C- Verifique a forma de elaboração do planejamento diário desse professor (tempo para elaboração e no próprio plano a diversificação de estratégias, adequações curriculares, outros).
- D- Constate a formação de vínculo com os alunos (valor atribuído a cada aluno, compreensão das necessidades de aprendizagem, reconhecimento de limitações).
- E- Conheça a dinâmica da sala de aula, ou seja, os modos que o professor gesta a organização do espaço pedagógico e a realização das atividades escolares. Observe os recursos e materiais pedagógicos utilizados.

ANEXO F: ASPECTOS A SEREM OBSERVADOS NA RELAÇÃO COM OS PROFISSIONAIS DE APOIO

- O aluno tem ou teve suporte de outros profissionais? Quais? Por quanto tempo?
- Registre o contato desses profissionais (telefone, endereço eletrônico). Você poderá solicitar um parecer de acompanhamento, ou ainda uma reavaliação quando necessário.
- Se, efetivado algum contato com esses profissionais, tome nota da data e do assunto tratado.
- Certifique-se periodicamente se o aluno comparece aos atendimentos desses outros profissionais quando for indicado esse acompanhamento. Lembre que a interlocução entre os diferentes profissionais em prol do desenvolvimento e da aprendizagem do aluno é importante, pois um campo do conhecimento pode auxiliar o outro. Por exemplo, no caso de uma criança com deficiência física de que forma a fisioterapia pode nos ajudar no posicionamento postural correto da criança e conseqüentemente na melhora de sua disponibilidade para aprender em sentido oposto se conseguimos auxiliar no posicionamento correto da criança na escola auxiliamos na melhora das condições posturais dela. Ou seja, (seria o ideal) o estabelecimento de uma rede de trabalho envolvendo as diferentes áreas do conhecimento e a qualidade de vida e escolar da criança e sua família. A supervisão dessa rede de apoio e trabalho pode ser uma atribuição sua como professor da sala de recurso multifuncional.

ANEXO G:

FIGURAS DOS ATENDIMENTOS EDUCACIONAIS SALA DE AEE- COM USO DAS TICs E MATERIAIS DIVERSIFICADOS, E INTERVENÇÃO SALA DE AULA E ESPAÇOS ESCOLARES.

FIGURA 1- 2- TRABALHANDO COM RECURSO TECNOLÓGICA HIGIENIZAÇÃO



FIGURA 3-4- TRABALHANDO ALFABETO COM RECURSO TECNOLÓGICO E LETRAS DE MADEIRA.



FIGURA 5-6- TRABALHANDO NÚMEROS COM TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS VIDEOS EDUCATIVOS.



FIGURA 7- TRABALHANDO CORES



FIGURA 8-9- TRABALHANDO CORPO HUMANO



FIGURA 10- TRABALHANDO MUSICA

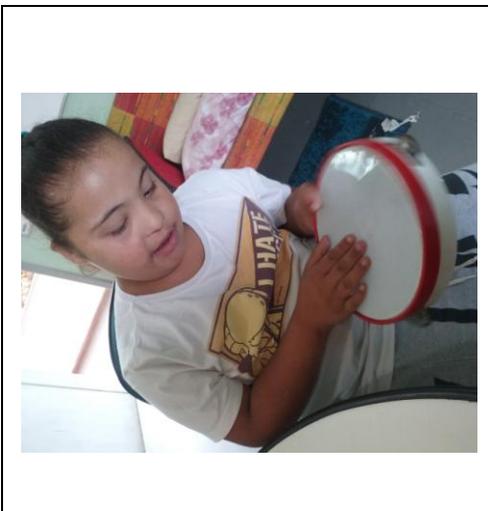


FIGURA 11-12-13 TRABALHANDO CAIXA DA HIGIENE



FIGURA 14- TRABALHANDO LIMPEZA DOS DENTES



FIGURA 15-16- TRABALHANDO ESCRITA E CORES FIGURA - TRABALHANDO FORMIGAS CIENCIAS



FIGURA 17- TRABALHANDO BRINCADEIRAS NO PATIO INCLUSÃO

